IZABELA SOUZA DA COSTA
RENATA CRISTINA DE OLIVEIRA TIENGO

O TAPEMBOL COMO UMA POSSIBILIDADE DE CONTEÚDO BÁSICO NA EDUCAÇÃO FISICA ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais - Câmpus Muzambinho, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Fabiano Fernandes da Silva.

MUZAMBINHO
2014

O TAPEMBOL COMO UMA POSSIBILIDADE DE CONTEÚDO BÁSICO NA EDUCAÇÃO FISICA ESCOLAR

Izabela Souza da Costa[1]
Renata Cristina de Oliveira Tiengo[1]
Fabiano Fernandes da Silva[2]

RESUMO: A educação física (EF) sofreu diversas alterações com o passar dos anos, e atualmente tem como objetivo formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento. Este objetivo deve ser assumido em todos os níveis de ensino, sendo alcançados de maneiras diferentes para que satisfaça as necessidades de cada etapa. O ensino médio, por sua vez, merece atenção especial, pois alguns estudos apontam uma progressiva desmotivação em relação à EF desde o final do ensino fundamental, principalmente quando nos referimos aos conteúdos das aulas que são considerados repetitivos desde o ensino fundamental. Nesse sentido, o presente estudo tem o propósito de verificar o nível de aceitação de alunos do ensino médio em relação ao Tapembol (TPB), bem como a satisfação dos alunos em relação à metodologia do ensino da modalidade nas aulas. A amostra foi constituída por 516 alunos do ensino médio. O protocolo experimental foi dividido em uma sequência de 4 aulas de 50 minutos, onde os alunos envolvidos conheceram e puderam vivenciar na prática a nova modalidade. Durante os depoimentos gravados e na aplicação do questionário durante a última aula, percebemos uma grande satisfação dos alunos em relação à modalidade e sua metodologia, onde 86,24% responderam que gostariam de praticar novamente o TPB. Nossos resultados permitem inferir uma grande aceitação dos alunos envolvidos nesse estudo em relação ao TPB e que o mesmo poderia ser uma nova ferramenta pedagógica que poderia ser incluída como conteúdo das aulas de EF para alunos de ensino médio**.**

Palavras-Chave: Ensino médio, Tapembol, educação física escolar

1 Graduanda do Curso Superior de Licenciatura em Educação Física

2 Docente do Curso Superior de Licenciatura em Educação Física

INTRODUÇÃO

A educação física (EF) sofreu diversas alterações com o passar dos anos, sendo sistematizada em influencias das instituições militares com a preparação física dos jovens para defender o país. Trouxe também conceitos de higienização à população e em seguida passou a ser relacionada com a formação de atletas dentro da escola valorizando e priorizando a prática da EF aos mais aptos. Encontramos algumas dessas práticas ainda nos dias atuais, retratando uma EF que deixa de ter um papel educativo para se render ao treinamento. Atualmente, a EF tem como objetivo formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento (BETTI; ZULIANI, 2002). Este objetivo deve ser assumido em todos os níveis de ensino, sendo alcançados de maneiras diferentes para que satisfaça as necessidades de cada etapa.

O ensino médio, por sua vez, merece atenção especial, pois alguns estudos apontam uma progressiva desmotivação em relação à EF desde o final do ensino fundamental. Chicati (2000) e Marzinek (2004) verificaram em seus respectivos estudos que os alunos que freqüentam as aulas de EF do ensino médio possuem uma carência de conteúdos, pois os mesmos são aplicados desde os finais do ensino fundamental. Martins Junior (2000) alerta que para a EF ser uma disciplina motivadora, o professor tem um papel muito importante, pois deve possuir o conhecimento das teorias da motivação para que o seu ensino seja mais eficiente aos alunos. A atuação profissional é, sem dúvida, um assunto interessante e conflituoso para indicar ou não determinada “qualidade de ensino” (FOLLE, POZZOBON, BRUM, 2005), o que pode ser um dos motivos que interfere nessa desmotivação dos alunos.

O profissional que atua na área da EF tem autonomia para desenvolver em suas aulas os mais diversos conteúdos, sendo que estes são norteados por documentos oficiais que propõe modelos para cada nível de ensino. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram elaborados em 1994 e aprovados em 1997. Os documentos do ensino médio foram publicados em 1998, com a função de propor e incentivar a discussão pedagógica e educativa, bem como servir de material à reflexão da prática de professores (DARIDO et al, 2001). Os PCNs do ensino médio na EF valoriza o “fazer” as atividades práticas, privilegiando os conteúdos procedimentais (PEREIRA, SILVA, 2004). Enquanto os PCNs apontam o caminho a ser seguido pelas escolas, há documentos que se propõe

a ir mais além e sugere atividades que podem ser realizadas pelo professor com seus alunos.

. O Conteúdo Básico Comum (CBC) (2005) busca oferecer às escolas estaduais mineiras uma base curricular comum que permita aos alunos ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania. No CBC da área de EF do ensino médio os conteúdos a serem trabalhados são divididos em eixos. O jogo e as brincadeiras se encontram no eixo temático II, estabelecido como obrigatoriedade. O CBC afirma a importância do jogo e das brincadeiras no ambiente escolar, pois implica o reconhecimento de si e do outro, traz a possibilidade de lidar com os limites como desafios e não como barreiras. Além disso, o jogo e as brincadeiras possibilitam o uso de diferentes linguagens verbais e não verbais, o uso do corpo de formas diferente e consciente, organização, ação e avaliações coletivas. Os jogos tornam assim, espaços educativos de vivências e reflexão dos princípios norteadores desta proposta, sendo consideradas excelentes ferramentas para alcançar o objetivo da EF na escola.

Uma possibilidade pedagógica que pode ser inserida no contexto escolar é o Tapembol (TPB). O TPB é baseado no handebol. Foi criado em Caeté/MG em julho de 2007, na Escola Centro Educacional Washington de Paula e Silva, escola da rede “Promove de Ensino”, por meio de uma experiência do professor de EF Marco Aurélio Candido Rocha e seus alunos. De uma simples brincadeira de “tapa na bola” como forma de expressão dos alunos de uma turma, através do desejo de jogar, de experimentar algo diferente, surgiu um novo jogo que foi sendo construído coletivamente (ROCHA, PRUDENTE E MEDINA, 2010). O TPB é uma modalidade coletiva que pode ser jogada indistintamente por meninos e meninas e se baseia inicialmente em dar tapas na bola entre os participantes, trocando passes até o objetivo do gol. Partindo desse princípio, as próprias regras (anexo III) fazem com que todos os jogadores (um goleiro, dois defensores, dois laterais e um central) participem efetivamente do jogo. O TPB é considerado um jogo cooperativo (ROCHA PRUDENTE E MEDINA, 2010). Silva et al. (2012) afirmam que por meio desses jogos o individuo consegue perceber que todos são importantes para alcançar determinado objetivo. Mendes, Paiano e Filgueiras (2009) concluíram que os jogos cooperativos na escola podem possibilitar aos participantes uma maneira diferente de jogar e aprender com o outro.

Considerando o objetivo da EF no ensino médio e as qualidades embutidas no TPB, o presente estudo tem o propósito de verificar o nível de aceitação de alunos do ensino

médio da rede estadual de ensino do Sul de Minas Gerais (Botelhos, Bandeira do Sul e Campestre) em relação ao TPB, bem como a satisfação dos alunos em relação à metodologia do ensino da modalidade nas aulas.

METODOLOGIA

A amostra foi constituída por 516 alunos de ambos os gêneros (202 meninos e 314 meninas) entre 15 à 17 anos de idade, matriculados no ensino médio das escolas estaduais: José Bandeira de Carvalho (Bandeira do Sul-MG); João de Souza Gonçalves (Botelhos-MG), e Rui Barbosa (Campestre-MG). Os objetivos do estudo e os procedimentos foram apresentados aos participantes por meio de um termo de consentimento livre e esclarecido (anexo I) antes do início do estudo que foi assinado voluntariamente por seus pais e/ou responsáveis.

O presente trabalho foi dividido em uma sequência de 4 aulas de 50 minutos. A primeira aula se deu a partir de observações do comportamento dos alunos durante as aulas de EF ministradas nas escolas escolhidas. Foram observados aspectos como o interesse pelas aulas de EF e a motivação nas mesmas. Na segunda aula foi feita a apresentação da modalidade TPB através de slides e um vídeo que continha informações sobre a criação, como se jogar e as principais regras. Após este momento, os alunos foram encaminhados para a quadra da escola onde puderam vivenciar os fundamentos em algumas situações do jogo. O primeiro contato e adaptação com a bola foi em uma brincadeira denominada “peru de tapa” com o objetivo de evitar que o aluno que se encontra ao meio do círculo pegue a bola, usando as regras básicas do TPB (apenas dois toques, não segurar a bola e sempre utilizando o tapa na bola com a mão aberta). Após essa adaptação lúdica, os alunos foram divididos em quatro grupos dispostos em círculos, onde um de cada grupo recebia a informação de um fundamento (tipos de toques, bloqueio e recepção), e repassava aos seus colegas. Cada fundamento foi vivenciado aproximadamente por três minutos. Assim novamente um de cada grupo escolhido aleatoriamente ia até o próximo grupo e repassava a eles o que foi realizado no grupo anterior, assim sucessivamente até que todos vivenciassem cada fundamento. Abaixo descrevemos a relação das atividades trabalhadas:

- Sacar por baixo / Segurar a bola na recepção / Sacar e mudar de lugar;
- Dominar com uma mão e bater com a outra;
- Dominar e bater com a mesma mão;

- Bloquear com as duas mãos e bater por baixo.

Para finalizar a aula a turma foi dividida em duas equipes para a realização de um jogo denominado “queimadão tapembol”, que consistia em queimar os jogadores da equipe adversária, trazendo-os para o seu lado do campo onde estes poderão ainda participarem efetivamente do jogo, queimando os adversários em seu próprio campo. Vencia o jogo a equipe que conseguir trazer todos para o seu lado do campo. O objetivo é compreender de forma lúdica os fundamentos e as principais regras do TPB.

Na terceira aula, foi aplicado o jogo propriamente dito. A aula de 50 minutos foi dividida em dois momentos. No primeiro momento a turma foi dividida em quatro equipes, e a quadra dividida em duas partes, onde as quatros equipes se confrontariam nas duas metades da quadra utilizando somente um gol com goleiros neutros, para que todos pudessem vivenciar um primeiro momento com o jogo. No segundo momento da aula foram organizadas equipes mistas de seis jogadores, na qual o jogo foi praticado utilizando a quadra inteira e regras oficiais.

No último encontro foi realizado um debate onde os alunos foram questionados a respeito do jogo, sobre conflitos que ocorreram durante as partidas e como resolvê-los. Ao final da discussão eles poderiam propor adaptações para que o jogo se tornasse mais atrativo. Em seguida, os alunos foram novamente convidados a participarem de um jogo com as adaptações propostas por eles. Nos casos em que não houve sugestões, o TPB foi praticado novamente com as regras oficiais. A aula se encerrou com a aplicação de um questionário de satisfação da modalidade.

Para análise de dados procurou-se identificar a satisfação dos alunos em relação ao TPB e sua metodologia, através de um questionário (anexo II). Além disso, foram feitas filmagens de depoimentos de alunos para mensurar qualitativamente o nível de aceitação entre os entrevistados.

RESULTADOS

Os dados referentes à avaliação realizada pelos alunos sobre a modalidade TPB são apresentados na Figura 1. Percebe-se que apenas 2,71% (n=14) dos alunos entrevistados consideram o TPB como ruim e 66,86% consideram a modalidade como muito boa (n=165) ou excelente (n=180).

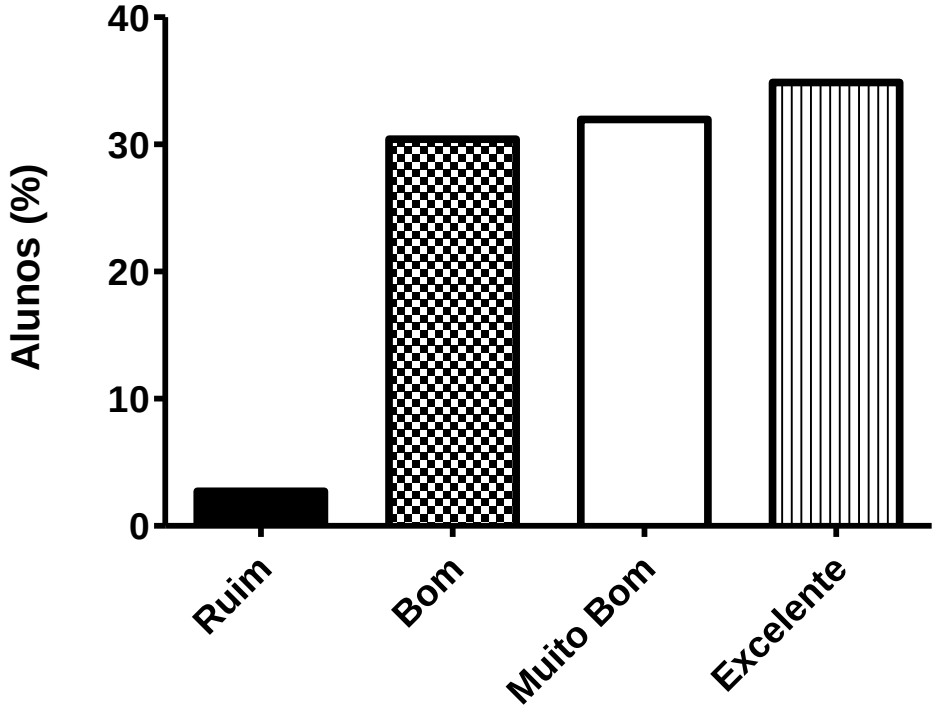

Figura 1. Dados relacionados à pergunta: Como você avalia o Tapembol? (n=516).

Na Figura 2 são apresentados os valores absolutos de como os alunos avaliam a metodologia das aulas de TPB. Grande parte dos alunos (73,25%) considera a metodologia muito boa (n=163) ou excelente (n=215). Podemos perceber essa satisfação no depoimento da aluna M.C.S. onde a mesma evidencia que a metodologia empregada foi capaz de motivar a participação de alunos que não se interessavam pelas aulas de EF.

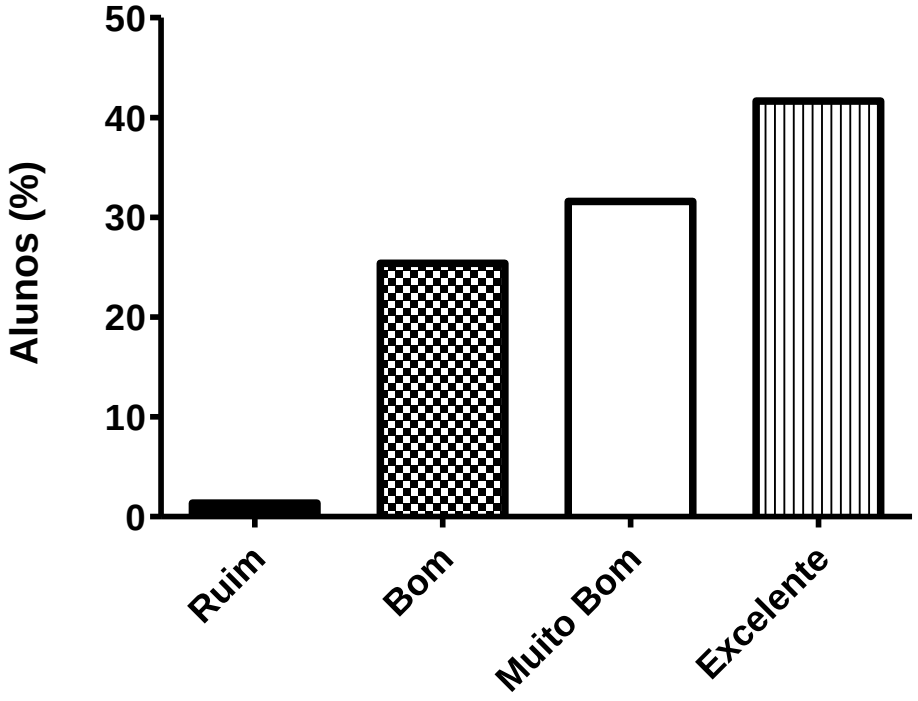

Figura 2. Dados relacionados à pergunta: Como você avalia a metodologia da aula? (n=516).

A Figura 3 destaca o sentimento de satisfação dos alunos em relação à pratica da modalidade. Ficou evidente a satisfação dos alunos, onde 90,11% responderam que gostaram (n=306) ou gostaram muito (n=159) do novo jogo.

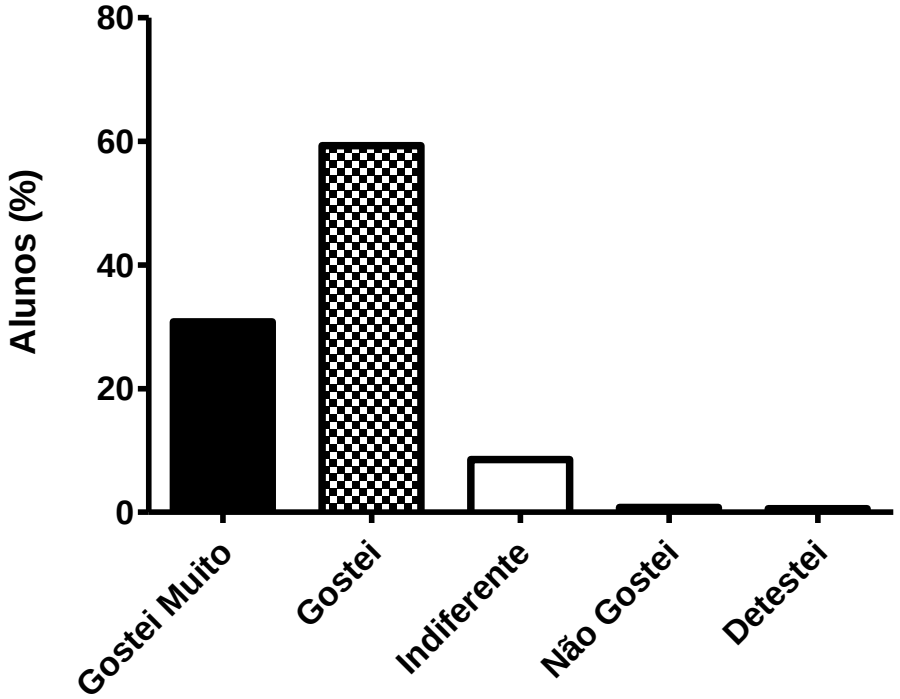

Figura 3. Dados relacionados à pergunta: Ao final da aula, qual seu sentimento de satisfação a modalidade Tapembol? (n=516).

Quando questionados se os alunos gostariam de praticar o TPB mais vezes nas aulas de EF, 86,24% (n=445) dos entrevistados disseram que sim (Figura 4). Esse foi o sentimento expressado pelo aluno T.B. onde o mesmo fala que deveria ter mais vezes porque além de ser uma novidade na escola, é uma nova modalidade muito boa de se jogar.

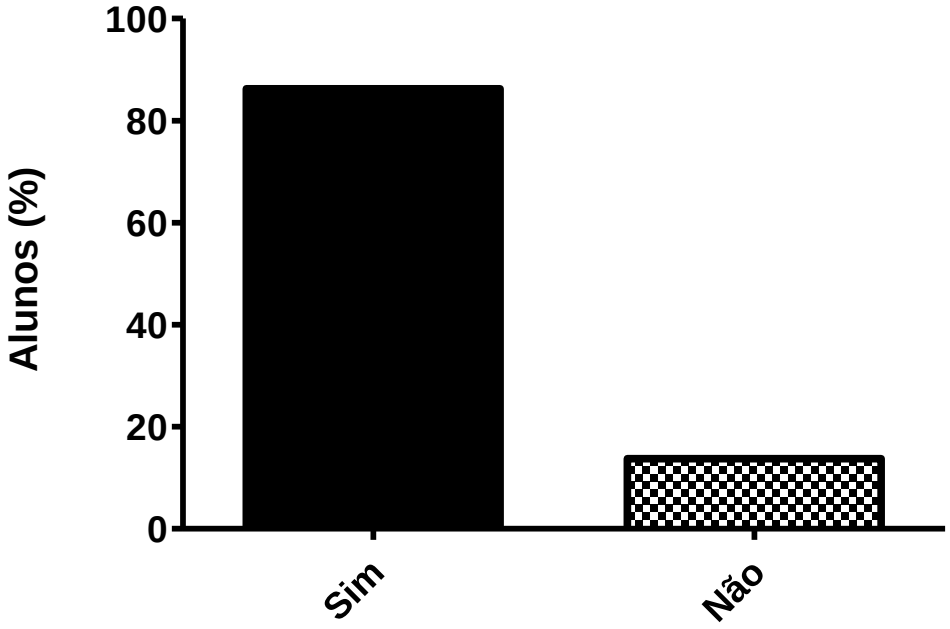

Figura 4. Dados relacionados à pergunta: Você gostaria de praticar o Tapembol nas aulas de educação física mais vezes? (n=516).

Temos conhecimento de que em uma das escolas do presente estudo, os alunos solicitaram aos professores de EF para incluir o TPB nos jogos interclasse desse ano.

DISCUSSÃO

A presente investigação originou-se a partir da necessidade de analisar o comportamento de alunos do ensino médio em aulas de EF. Em seu estudo, Darido (2004) cita um progressivo afastamento desses alunos, além de um aumento do número daqueles que não frequentam, participam ou apreciam as aulas de EF regularmente. Perfeito et al. (2008) indicam que escolares gostariam de ter a vivência prática de outros

esportes, outras modalidades que não somente o vôlei, o handebol, o basquete e o futebol. Atividades mais lúdicas também são reinvindicações pertinentes para integrarem as aulas com maior frequência, pois possibilita motivar as aulas, além de ser mais fácil integrar os alunos menos habilidosos e os mais resistentes à prática. Nesse sentido, o propósito do presente estudo foi de investigar a aceitação de alunos do ensino médio de 3 escolas estaduais do Sul de Minas Gerais em relação à modalidade TPB, visando a possibilidade de incluí-la nos conteúdos oferecidos nas aulas de EF.

Para o filósofo holandês Johan Huizinga (1971) o jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias. Poels, Kort e Ijsselsteijn (2007) complementam dizendo que os jogos devem proporcionar sentimentos de diversão, prazer, relaxamento, distração e satisfação. Assim, percebemos que o TPB possui tais características e que o mesmo poderia permitir a inclusão, o convívio com as diferenças, como meio de garantir a participação efetiva de todos nas aulas de EF, além de sua forte tendência cooperativa. Esse jogo é também um meio de superar seus próprios limites, sendo intitulado como “um jogo de todos” (ROCHA, PRUDENTE E MEDINA, 2010).

Nossos resultados permitem inferir uma grande aceitação dos alunos envolvidos nesse estudo em relação ao TPB. Percebemos que grande parte dos entrevistados respondeu positivamente às questões abordadas, dando a entender que a modalidade poderia fazer parte dos conteúdos abordados nas aulas de EF para alunos do ensino médio. Acreditamos que essa aceitação se deve ao fato do dinamismo e da ludicidade presente na prática, que estabelece um ambiente favorável para o envolvimento e participação de todos, minimizando a exclusão de alunos considerados incapazes tecnicamente de jogar. Além dos números apresentados, constatamos em alguns depoimentos essa aceitação. A aluna G.B. define o TPB como “ um jogo simples e de fácil adaptação onde todos podem participar ”. Verificamos o mesmo na fala da aluna S.V. que afirma que “com a aplicação do TPB os alunos que não se interessavam pela a EF, passaram a participar das aulas” .

Sabemos que, a participação do aluno em aulas de EF, está diretamente ligada ao seu nível de satisfação em relação à disciplina. López e González (2001) definem a satisfação dos alunos com as aulas como um estado psicológico expresso pelo resultado de vivências, na medida em que o objeto da atividade dê respostas às suas necessidades e corresponda aos seus motivos e interesses. Para Barbosa (2005) a origem da

motivação é o desejo de satisfação de necessidades e um conjunto de fatores que determinam a conduta de um indivíduo, gerados pelo fato de o ser humano ser um animal social por natureza. Martins Junior (2000) afirma que o professor possui um papel importante na motivação dos alunos, quando este oferece conteúdos novos e interessantes.

Segundo Melo e Ferraz (2007) a necessidade de diversificação dos conteúdos a serem trabalhados nas aulas pode ser considerada a mudança mais necessária. Isso pode trazer uma grande contribuição para a EF, sendo que a construção de conhecimentos e atividades a serem realizadas ou vivenciadas poderia ser feita em conjunto entre professor e alunos, com características de um projeto participativo. Paiano (1998) aponta que oferecer aos alunos atividades alternativas, aumenta o nível de interesse e participação das aulas, fazendo com que os alunos se sintam mais motivados a participarem, já que estão praticando uma atividade diferente. Martins Junior (2000) complementa dizendo ninguém consegue praticar ano após ano, as mesmas modalidades, os mesmos conteúdos e se manter motivado.

Entretanto, por hora, uma vez que a escola é uma organização que se constitui em unidade operacional da maioria das políticas de educação, deverá ser administrada em todas as suas áreas, no geral, e na sala de aula, em particular, por vários gestores, dentre eles os professores que, em última instância, são os responsáveis em atingir os objetivos finais do sistema educativo que é a satisfação das necessidades educacionais dos alunos (LUCK, 2014). Mesmo tendo-se consciência das diferentes aptidões específicas de cada um, entende-se que a EF é capaz de suscitar uma participação e um grau de satisfação elevado de alunos com níveis de desempenho muito diferentes (RODRIGUES, 2003). Os alunos precisam ter sentimentos positivos sobre a experiência de aprendizagem, e isso pode vir com recompensas e reconhecimento. Também recomenda - se providenciar tão cedo quanto possível oportunidades para os alunos aplicarem o que foi aprendido. (KELLER, 2009; HUANG; HUANG; TSCHOPP, 2010).

Levando em consideração a aceitação dos alunos do ensino médio pelo TPB e as características do jogo que atende o objetivo da EF no ensino médio, o TPB pode ser apontado como uma nova possibilidade de conteúdo para a EF escolar. Além disso, novos estudos podem ser conduzidos para verificar a influência do TPB nas aulas de EF no ensino médio sobre a variável motivação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, nossos resultados permitem inferir que o TPB e sua metodologia foram bem aceitos pelos alunos do ensino médio envolvidos nesse estudo, e que esta modalidade pode ser uma excelente ferramenta pedagógica capaz de promover a participação de todos os alunos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, D.F. Motivação no trabalho. **Revista de Ciências Empresariais**, v. 2, n. 1, p. 20-25, 2005.

BETTI, M.; ZULIANI, L.R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. v. 1; p. 73-81, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação do Ensino Médio. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Educação Física/Secretaria de educação do Ensino Médio. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Conteúdo Básico Comum** – Educação Física. Educação Básica, 2005. Disponível em http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7B922DC580-837C-4CD5-B5D4-B49F9FEB4533%7D_educa%C3%A7%C3%A3o%20fisica.pdf

CHICATI, K.C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v.11, n.1, p. 97-105, 2000.

DARIDO, S. C.; RANGEL-BETTI, I. C.; RAMOS, G. N. S.; GALVÃO, Z.; FERREIRA, L. A.; SILVA, E. V. M. E.; RODRIGUES, L. H.; NETO, L. S.; PONTES, G.; CUNHA, F. A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais**. Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.15, n.1, p.17-32, 2001.

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp,** São Paulo, v. 18, n. 1, p.61-80, 2004.

FOLLE, A.; POZZOBON, M. E.; BRUM, C. F. Modelos de ensino, nível de satisfação e fatores motivacionais presentes nas aulas de educação física. **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v. 16, n. 2, p. 145-154, 2005.

HUANG, W.; HUANG, W.; TSCHOPP, J. Sustaining iterative game playing processes in DGBL: The relationship between motivational processing and outcome processing. **Comput. Educ.**, v. 55, n. 2, p. 789-797, 2010.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da USP, 1971.

KELLER, J. M. **Motivational Design for Learning and Performance: The ARCS Model Approach**. Springer, 2009.

LÓPEZ, A.; GONZÁLEZ, V. La calidad de la clase de educación física: una guía de observación cualitativa para su evaluación. **EFDEPORTES**.com, Buenos Aires, ano 8, n.48, maio 2001. Disponível em:<http://www.efdeportes.com/revista digital>. Acesso em: 10/04/2003.

LUCK, H. **Gestão do processo de aprendizagem pelo professor**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2014. (Serie Cadernos de Gestão)

JUNIOR, J. M. O professor de educação física e a educação física escolar: como motivar o aluno? **Revista da Educação Física/UEM,** Maringá, v. 11, n. 1, p.107-117, 2000.

MARZINEK, A. A motivação de adolescentes nas aulas de educação física. Brasília **UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO FÍSICA**. 2004.

MELO, R. Z.; FERRAZ, O. L. O novo ensino médio e a ed. física. **Rev. *Motriz.*** Rio Claro, v.13, n. 2, p.86-96, 2007.

MENDES, L. C.; PAIANO, R.; FILGUEIRAS, I. P. Jogos cooperativos: eu aprendo, tu aprendes e nós cooperamos. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte,** São Paulo, v. 8, n. 2, p.133-154, 2009.

PAIANO, R. Ser ou não fazer : o desprazer dos alunos nas aulas de educação física e as perspectivas de reorientação da prática pedagógica do docente. **Dissertação de mestrado em Educação pela Universidade Presbiteriana Mackenzie**. São Paulo, 1998.

PEREIRA, F. M.; SILVA, A. C. Os conteúdos da educação física no ensino médio em diferentes redes educacionais do rio grande do sul, **Revista da Educação Física/UEM** Maringá, v. 15, n. 2, p. 67-77, 2004.

PERFEITO, R. B.; GUIMARAES, A. C. A.; MARIA, W. B.; SOARES, A.; SANTOS, M. B. Avaliação das aulas de educação física na percepção dos alunos de escolas públicas e particulares. **Revista da Educação Física/UEM,** Maringá, v. 19, n. 4, p.489-499, 2008.

POELS, K.; KORT, Y. D.; IJSSELSTEIJN, W. "It is always a lot of fun!": exploring dimensions of digital game experience using focus group methodology **In: PROCEEDINGS OF THE 2007 CONFERENCE ON FUTURE PLAY**. Toronto, Canada: ACM, 2007.p.83-89.

ROCHA, M. A. C.; PRUDENTE, P. L. G.; MEDINA, A. C. R. **Tapembol – um jogo para a educação física**. Belo Horizonte, 2010.

RODRIGUES, D. A educação física perante a educação inclusiva: reflexões conceptuais e metodológicas. **Revista da Educação Física/UEM,** Maringá, v. 14, n. 1, p.67-73, 2003.

SILVA, J. K. F.; DOHMS, F. C.; CRUZ, L. M.; TIMOSSI, L. S. JOGOS COOPERATIVOS: contribuição na escola como meio socializador entre crianças do ensino fundamental. **Motrivivência,** Ano XXIV, Nº 39, P. 195-205, 2012.

ANEXO I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL DE MINAS GERAIS
Campus Muzambinho

Convidamos o (a) Sr (a) para participar deste questionário, sob a responsabilidade das pesquisadoras Renata Tiengo e Isabela Costa, a qual pretende descobrir os interesses dos alunos a partir das aulas de educação física escolar.

A sua participação na pesquisa não traz nenhum risco. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a coleta de dados para fins científicos.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras no Instituto Federal do sul de Minas, campus Muzambinho (CECAES) ou pelo telefone (35) 8818-3029 / 9864-2478.

Eu,_____,fui informado sobre o que as pesquisadoras querem fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser.

_____

Assinatura do participante

_____

Assinatura do Pesquisador Responsável

Data: __/__/__

ANEXO II
QUESTIONÁRIO DE SATISFAÇÃO

1-Como você avalia a modalidade de Tapembol?

( )Ruim

( )Bom

( )Muito bom

( )excelente

Porque:_____

2-Como você avalia a metodologia das aulas (como as aulas foram dadas)?

( )Ruim

( )Bom

( )Muito bom

( )excelente

Porque:_____

3-Ao final da aula, qual seu sentimento de satisfação à modalidade de Tapembol?

( )gostei muito

(...) gostei

(...)indiferente

(...) não gostei

( )detestei

4-Você gostaria de praticar o Tapembol mais vezes nas aulas de Educação física?

( ) Sim ( ) Não

Porque:_____

ANEXO III

REGRAS DO TAPEMBOL

O Jogo:

O Tapembol é um jogo baseado no handebol porem usando somente tapas na bola.

No jogo é permitido usar somente uma mão, que vai estar aberta para bater na bola. É permitido um ou dois toques por vez. No terceiro toque a bola passa a ser do adversário. O objetivo do jogo é marcar gol no time adversário.

Cada time conta com 6 (seis) jogadores, sendo 1 goleiro, 2 defesas, 2 laterais e 1 central.

A duração do jogo é de 2 (dois) tempos de 12 (doze) minutos cada. Em caso de empate, vence o time que cometeu o menor número de faltas. Toda cobrança de faltas, quer sejam elas táticas, físicas e ou/verbais, são cobradas no local sem a intervenção dos árbitros (são dois). Esta cobrança deve ser feita em 5 (cinco) segundos.

As laterais são cobradas com um pé na linha e outro fora, dando um saque por cima ou por baixo.

Os escanteios é a única hora do jogo que permitido segurar a bola com as duas mãos para realizar o lance.

Em relação a bola, não é permitido:

- Chutar
- Bloquear intencionalmente com outras partes do corpo (cabeça, peito, coxa, etc)
- Utilizar as duas mãos (salvo para bloqueio)
- Socar
- Segurar

Obs.: Caso a bola bata sem intenção em quaisquer partes do corpo, não é falta, mas é considerado um lance. Se a bola bater duas vezes consecutivas, o terceiro é reversão.

Utilizando o mesmo espaço do futsal, a quadra para se jogar o Tapembol recebe algumas atenções especiais:

A área:

É permitida a entrada por qualquer jogador na sua área ou na área adversária. O goleiro não pode avançar, mas atua lateralmente na expansão de área, onde ele é um jogador com direito a dois toques como os demais. Ao voltar a bola para a área ele não pode agarrar, mas pode dar mais um toque.

Quanto ao recuo da bola por um jogador do mesmo time, o goleiro não pode segurar a bola, mas dar um toque para fora da área.

A Vantagem de Área:

Ocorre quando acontece uma falta dentro da área. É cobrada por dois jogadores na linha da área. Um saca para o outro que, sem sair do lugar dá um saque em direção ao gol.

Pontos de Vantagem:

São quatro pontos marcados nas laterais. São pontos onde ações do goleiro, saída de bola, volta ao jogo e outras situações são utilizados para reiniciar o jogo, acontecendo a cobrança na defesa ou no ataque.